



2005

Barone
/
Viñar

Participar do corpo editorial do *Jornal de Psicanálise* foi experiência importante em minha vida pessoal e profissional: construí laços de amizade e aprendi muito com meus colegas de trabalho. Por quatro anos fiz parte do conselho enquanto Cecília Orsini foi editora e nos quatro anos seguintes, de 2005 a 2008, assumi o lugar de Editor, tendo nos dois últimos anos Alice Paes de Barros Arruda como coeditora.

Como editora dei continuidade ao trabalho desenvolvido por Cecília procurando fazer do *Jornal* um veículo arejado que pudesse contribuir para a formação do psicanalista e aumentar o alcance do diálogo de nossa instituição com a cultura de forma ampla. Nesse sentido, uma preocupação que sempre nos animou foi transitar por caminhos que sustentassem o trabalho do analista diante do homem no mundo contemporâneo.

Nosso Editorial contava com a participação entusiasmada dos queridos colegas Alexandre Horta e Silva, Ana Maria Loffredo, Ana Maria Vieira Rosenzvaig, Beatriz Helena Peres Stucchi, Iliana Horta Warchavchik e Marta Úrsula Lambrecht. Trabalhávamos com afincos e muita colaboração a cada número, desde a concepção do tema a ser desenvolvido até a entrega final do número a nossos leitores.

Nossas reuniões de trabalho eram ricas nas discussões, respeitadas nas diferenças e sempre muito pulsantes. A mim, o grupo editorial dava a impressão de trabalhar com paixão pelo ofício da escrita. Os encontros eram alegres, cordiais e produtivos. A cada número terminado nos reuníamos num jantar festivo regado a um bom vinho para comemorar o trabalho realizado e começar a pensar o número seguinte. Lembro com saudade e alegria.

Um fato que considero importante nesse período foi a retomada da periodicidade semestral de nosso *Jornal*. Produzimos 7 números assim organizados: 2005 volume 38 (69) com o tema *Tornar-se analista: variâncias e invariâncias*; 2006 volume 39 (70) e (71) cujos temas foram, respectivamente, *Psicanálise: investigação e produção teórica*, e *Psicanálise: investigação e cura*; em 2007

volume 40 (72) e (73) com os respectivos temas *A família em (des)ordem* e *A arte da interpretação: diálogos com a Teoria dos Campos*, este último com a coeditoria de Leda Herrmann. E em 2008 o volume 41 (74) e (75) cujos temas foram *A análise do analista* e *Transferências*.

Escolher um trabalho entre tantos de qualidade que editamos nesse período não é tarefa fácil. São muitos os trabalhos que gostaria de salientar, mesmo assim vou destacar dois pelos motivos que exporei.

O primeiro é a entrevista a Marcelo Viñar, que publicamos no volume 38 (69) de 2005. E o segundo é o artigo “Análise didática: uma história feita de críticas”, de Fabio Herrmann, publicado no volume 41 (74) de 2008.

Tive o privilégio de entrevistar pessoalmente Viñar em seu consultório em Montevideu. Foi uma conversa rica e agradável que durou cerca de duas horas. Impressionou-me sobremaneira o fato de a transcrição da gravação e o resultado final como foi publicada a entrevista ficarem tão próximos. Viñar falava calmamente, com clareza e organização notáveis de pensamento. Seu depoimento revela um analista original, inquieto com suas questões e liberal em suas propostas. Sobre o encontro analítico, nenhum dogmatismo; propõe ter o encontro entre analista e paciente a frescura de um encontro original. Sobre a teoria psicanalítica é enfático ao afirmar que psicanalisar não é aplicar teoria, mas partilhar um saber do encontro analítico. Salienta que a criação do saber que se descobre na análise vem do paciente, e não da teoria.

Entre outras contribuições importantes da entrevista, ainda quero ressaltar a abertura para a cultura. Viñar nos convida a dialogar, ler, pensar junto com os historiadores da contemporaneidade que pensam o mundo de hoje e suas mudanças para que possamos questionar nossas noções mais básicas. E sobre a escrita do analista propõe que ela funciona como uma âncora capaz de dar sustentação à matéria errática da associação livre e atenção flutuante. A escrita reúne e dá forma ao informe: “é como um momento de calma para depois poder reatar essa vertigem que é sempre estar nessa atitude de associação livre”.

O outro texto que destaco como merecedor de uma retomada é o clássico “Análise didática: uma história feita de críticas”, de Fabio Herrmann. Trata-se de um trabalho de fôlego cujo teor crítico e irônico reforça sua atualidade. Nele, Herrmann faz importante revisão de trabalhos que tratam da análise didática ao longo da história da IPA que irão embasar suas reflexões. Reconhece que os diferentes textos apontam críticas muito pertinentes à análise didática. E, ao refletir sobre cada uma delas propõe, com certa ironia, que aquilo que se critica é exatamente aquilo que se pratica.

O texto de Herrmann, ainda de grande atualidade e coerente com a obra do autor, merece ser relido. Sua leitura servirá não somente para a ampliação do âmbito de nossas reflexões sobre o assunto, mas nos devolverá o prazer temperado pela pitada de humor caro também na obra de Freud.